

MAS ONDE CONSEGUIR MAIS EMPRÉSTIMOS?

A nova medida cambial não resolve esse problema, na opinião de especialista.

As novas medidas aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), na última quinta-feira, para ajudar o fechamento do balanço de pagamentos, apesar de não garantirem a retomada da captação de dólares, via Resolução nº 63 do Banco Central, são boas — é o que afirma o economista Antonio Kandir, membro do Grupo de Análise de Conjuntura do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

Ele entende que "a medida de aumento de prazo de financiamento externo às nossas importações poderá diminuir o fluxo de dólares, no curto prazo, de parte de nossas importações e, ainda que de maneira branda, poderão melho-

rar o perfil de nossa dívida nos próximos anos".

Incertezas

Antonio Kandir frisa que "a principal contribuição do seguro cambial, agora proposto pelo CMN, é eliminar mais uma variável de incertezas no conturbado quadro da política econômica atual do País, até então um fator adicional na intensificação do quadro recessivo, criado pela insegurança que existe hoje nas decisões de gastos dos agentes produtivos, desde empresários até consumidores".

O especialista afirma que "as novas medidas para ajudar o fechamento do balanço de pagamentos não resolverão o problema, no

sentido de aumentar o fluxo de empréstimos captados no Exterior, no montante adequado ao fechamento, com segurança, das contas externas em 1982. Isso porque o problema central da captação de recursos, hoje, não é o estímulo ou a motivação para tomar dólares, mas a disposição dos banqueiros internacionais de nos emprestar."

Nesse contexto, explica Antonio Kandir, a queda na tomada de dólares no mês de setembro último se deveu muito menos ao temor generalizado de que ocorra uma nova maxidesvalorização do cruzeiro, e mais à retração nas operações ativas dos banqueiros internacionais.

Kandir explica que, "na verda-

de, a maior restrição, hoje, na captação de dólares, se prende ao fato de os banqueiros internacionais terem sofrido sério estreitamento no raio de manobra de suas aplicações, em função da perda de credibilidade de seus títulos, decorrente dos níveis de concentração de seus ativos em aplicações com países endividados."

Ele acha que "como não está descartada a hipótese de novas crises cambiais desses países endividados — em particular, não se tem ainda qualquer segurança sobre o desfecho da situação mexicana — não se pode prever, a curto prazo, um retorno ao ritmo normal das aplicações por parte dos banqueiros internacionais."